



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JAMES JÚLIO DE SOUSA

REINAÇÕES DE MOMO NO SERTÃO DO PIAUÍ: história e memória do
carnaval em Picos nas décadas de 1980 e 1990.

PICOS-PI

2016

JAMES JÚLIO DE SOUSA

**REINAÇÕES DE MOMO NO SERTÃO DO PIAUÍ: história e memória do
carnaval em Picos nas décadas de 1980 e 1990.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof^o. Ms. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

PICOS-PI

2016

Eu, **James Júlio de Sousa**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 09 de março de 2016.

FICHA CATALOGRÁFICA

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo**

S725r Sousa, James Júlio de.

Reinações de Momo no sertão do Piauí: história e memória do carnaval em Picos nas décadas de 1980 e 1990 / James Júlio de Sousa.– 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (56 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador(A): Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

1. Carnaval-Picos-PI-1980-1990.
2. Picos-PI-História-Carnaval.
3. Picos-PI-Cultura. I. Título.

CDD 981.812 22

JAMES JÚLIO DE SOUSA

REINAÇÕES DE MOMO NO SERTÃO DO PIAUÍ: história e memória do carnaval em Picos nas décadas de 1980 e 1990.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí – CSHNB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em História. Orientado: Prof. Ms. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito.

Aprovada em 08 de março de 2016.

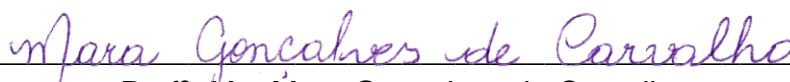
BANCA EXAMINADORA



Prof^o. Ms. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Universidade Federal do Piauí CSHNB
Orientador



Prof^a. Ma. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira
Universidade Federal do Piauí
Examinadora interna



Prof^a. Ma. Mara Gonçalves de Carvalho
Universidade Federal do Piauí
Examinadora interna

A Deus maior e melhor companheiro em minha caminhada,
pois só por Ele e para Ele devem-se todas as honras e glórias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por todas as oportunidades concebidas até aqui. Agradeço a minha mãe Francisca, não encontro palavras que defina o amor e o orgulho que sinto por você; ao meu pai Francisco pelo apoio e orientações a mim destinado; a minha irmã, Jane Júlia, pelo amor, cuidado e companheirismo ao longo dessa jornada; a minha sobrinha e afilhada Giovanna Vitória, com sua alegria contagiante, a minha companheira, Jocenara Santos, fonte inesgotável de amor, amizade, ternura e felicidade, que me ajudou a reencontra o prazer de estudar. Agradeço imensamente a todos os meus familiares: avós, tios e primos que foram peças fundamentais na construção de cada degrau, esta vitória também é de vocês.

Aos verdadeiros amigos em especial a Jéssika Santos que não mediram esforços para me ajudar e me acompanhar durante minha caminhada e que acreditaram que tenho a capacidade de vencer. A minha turma de graduação, pela diversão, pelo aprendizado, pela convivência que tanto auxiliou no meu amadurecimento. Amigos que durante todos esses anos foram minha segunda família, dividindo sonhos, sorrisos e lágrimas. Em especial aos meus amigos do (grupo da tecnologia) Helder Pires, Tatiana Moura, Jackeline Moura, Joyce Santos e Nikaelle Santana, que sempre estiveram ao meu lado durante esses quatro anos e meio de curso.

Aos meus entrevistados pela disposição em ajudar e compartilhar suas memórias, que foram peças fundamentais para a realização desse trabalho, em especial Maria da Conceição, Luís da lang, Mestre João, Helena Rodrigues e Francisca Teresa que muito me ajudou durante o processo de pesquisa.

A Universidade Federal do Piauí e a todo corpo docente do curso de História, pelo esforço, cobranças, e visão, certamente reflito em minha formação cada um de vocês, em especial meu orientador Prof^o. Ms. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito pela atenção e dedicação. Obrigado a todas as pessoas que direta ou indiretamente tornaram esse momento possível.

*“Destruir um patrimônio histórico é nos machucar, deixar nossos antepassados empoeirados como se nunca existissem, é matar toda uma nação rasgando assim a sua própria história”
(Autor Desconhecido).*

RESUMO

Este trabalho tem como proposta de estudo compreender o momento histórico de Picos na década de 1980 a 1990, analisando as formas de representações culturais através das festividades carnavalesca, o reconhecimento das transformações causadas não somente por um curto espaço de tempo, na sociedade, mas também em explicar como a festa carnavalesca picoense nas décadas de 1980 a 1990 reflete momentos de glória aos participantes. O recorte temporal abrange os anos de 1980 a 1990. Este recorte se justifica pela aproximação com os sujeitos fazedores de carnavais desde os encontros em clubes ao tradicional desfile das agremiações na avenida Getúlio Vargas. O trabalho encontra-se estruturado em dois capítulos, pautado nos elementos centrais que compõe a pesquisa sobre o carnaval picoense. No primeiro capítulo, observando os sujeitos históricos, através das imagens, os discursos da imprensa e da oralidade, como de que maneira os espaços urbanos se movimentavam a partir das práticas cotidianas, especialmente no período do Carnaval. O segundo capítulo, abordada as relações entre os grupos que constituíam o Carnaval em Picos, suas práticas culturais e sociabilidades, observadas a partir da apropriação de sambas enredos, formação de escolas de samba, rivalidades, alegorias e adereços. Para o alcance do objetivo proposto, o método/técnica da História Oral foi fundamental assim como a análise de imagens, recortes de imprensa, trechos de sambas-enredo e levantamento bibliográfico a respeito do carnaval enquanto elemento da identidade picoense nas décadas de 80 e 90.

Palavras-chave: Carnaval, cultura, identidade, Picos

ABSTRACT

This paper aims to study to understand the historical moment peaks in the decade from 1980 to 1990, analyzing the forms of cultural representations through the carnival festivities, the recognition of the changes caused not only by a short time, in society, but also to explain how the carnival picoense party in the decades from 1980 to 1990 reflects moments of glory to participants. The time frame covers the years 1980 to 1990. This cut is justified by the approach to the subject makers carnivals from the meetings in clubs to the traditional parade of associations at the Getulio Vargas Avenue. The work is structured in two chapters, based on the core elements that make up the research on picoense carnival. In the first chapter, noting the historical subjects, through the images, the speeches of the press and orality as how urban spaces moved from daily practices, especially in the Carnival period. The second chapter, discussed the relations between the groups that were the Carnival in peaks, their cultural practices and sociability, observed from the sambas plots of ownership, training samba schools, rivalries, allegories and props. To achieve the proposed objective, the method / technique of oral history was essential as well as the analysis of images, press clippings and sambas-plot stretches and literature about the carnival as part of picoense identity in the 80 and 90.

KEYWORDS: Carnival, culture, identity, Picos

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Antiga Av. Getúlio Vargas no ano de 1950	20
Imagem 02: Antiga Av. Getúlio Vargas e o que vem a ser a Praça Félix Pacheco no ano de 1950	20
Imagem 03: Localização da cidade de Picos-PI	21
Imagem 04: Enchente no município de Picos nos anos 60	22
Imagem 05: Enchente no município de Picos nos anos 60	22
Imagem 06: Imagem da 1º sede do 3º BEC em Picos localizada no Bairro Catavento nos anos de 1970	24
Imagem 07: Praça Félix Pacheco nos anos sessenta, anos de 1980	25
Imagem 08: Praça Félix Pacheco nos anos 1980	27
Imagem 09: Praça Félix Pacheco nos anos 1980	27
Imagem 10: Samambaia Clube, Carnaval de 19781	33
Imagem 11: Clube dos Oficiais do 3º BEC, Carnaval de 1981	33
Imagem 12: Picoense Clube - Carnaval de 1978	34
Imagem 13: Entrega de Título do Carnaval de 1985 a escola lang da Portela em 1985	36
Imagem 14: Entrega de Premiação Título do Carnaval de 1989 a Escola Verde e Amarela	37
Imagem 15: Estatuto da lang da Portela	38
Imagem 16: Avenida Getúlio Vargas. Carnaval de 1989	39
Imagem 17: Avenida Getúlio Vargas. Carnaval de 1989	39
Imagem 18: Avenida Getúlio Vargas. Carnaval de 1989	39
Imagem 19: Ficha de Avaliação Individual. Carnaval de 1989	46
Imagem 20: Ficha de Avaliação Individual. Carnaval de 1989	46
Imagem 21: Ala em homenagem a Charles Chaplin. Carnaval de 1988	47
Imagem 22: Carro alegórico em homenagem a Lampião. Carnaval de 1985	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo 1 – Acordes da cidade: Picos e o processo de modernização nos anos 1980 e 1990.....	14
1.1. Surgimento e desenvolvimento da cidade de Picos	18
Capítulo 2 – Orfeu e a cidade: práticas carnavalescas, cultura e sociabilidades.	28
2.1. Comemorações da Festa de Momo nos clubes picoense	32
2.2. Surgimento do carnaval de rua com as escolas de samba	34
2.3. Enredo e samba-enredo	39
2.4. O fim das escolas de samba picoenses	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
FONTES REFERENCIAIS	54

INTRODUÇÃO

O homem ao modificar o meio que habita, proporciona não só a ele, mas para a sociedade, diversas maneiras para representar sua história. É nesse lugar, que dia-a-dia, os sujeitos históricos constroem suas simbologias de representações tanto econômica, social e cultural. Na conjuntura história de nossa cidade, as festas populares estiveram muito presentes desde a criação da cidade como até os dias atuais. Essa simbologia criada pelo homem dentro da cidade, que passada de geração a geração, reuni segmentos das vastas camadas sociais em torno de um único objetivo, festejar a alegria coletivamente através das festas culturais, proporcionando momentos de alegrias, descontração e prazer, em especial nas comemorações de Momo, que é o tema central deste estudo.

Sobre essa dinâmica que envolve as festividades populares Sandra Brito nos aponta:

A festa pública coletiva é muito mais do que um momento de folia. Quer seja de realização espontânea ou promovida por associações recreativas [...], ela encontra-se repleta de sentidos sociais que importa apreender.¹

É dentro dessa cidade que esse trabalho se norteia. Um lugar cheio de histórias, contada e vivida pelos sujeitos históricos, é nesse espaço que despertou o interesse em mostrar como essas festividades em especial a carnavalesca proporcionava a sociedade picoense momentos de alegrias.

Diante disso, Reinações de Momo no sertão do Piauí: história e memória do carnaval em Picos nas décadas de 1980 e 1990 se baseia em compreender os aspectos culturais e as formas de representação da sociedade picoense nas festividades de Momo em um dado tempo histórico. Assim como Picos ou em outros lugares, o Carnaval tornou-se a festa mais esperada do ano, caracterizada pelo espírito irreverente e envolvente em que os participantes são contagiados pela ansiedade, desejos pela liberdade, de poder fazer em um único dia, tudo o que foi

¹ BRITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. In: Revista da Faculdade de Letras: História, Porto (Portugal), III Série, vol.6, 2005, p. 313 - 338.
Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3390.pdf>> Acesso em: 24 fev. 2016

trabalhado durante quase todo o ano. Nesse período, as agremiações dos bairros da cidade realizavam os desfiles em sua principal Avenida, Getúlio Vargas, onde mostravam toda sua arte nos carros alegóricos, fantasias, samba enredo para a população picoense, que lotavam a avenida para prestigiar tal festividade.

Nessa perspectiva, importa dizer que domínio simbólico como foi o Carnaval picoense nas décadas de 80 e 90 passou pela não desvalorização da influência que os mitos exerciam nas formas de atuação, das festas e, sobretudo na carnavalesca, como veremos ao longo deste trabalho. Desta forma o presente estudo se propõe a contribuir para o reconhecimento não somente das transformações causadas, por um curto espaço de tempo, na sociedade, mas também em explicar como a festa carnavalesca picoense nas décadas de 1980 a 1990 reflete momentos de glória aos participantes. O sentimento de pertencer a uma agremiação, ser de um “lugar”, molda a identidade de uma determinada parcela da cidade e ao mesmo tempo a cultura popular modela o lugar.

O recorte temporal da pesquisa abrange o início dos anos de 1980 até a metade dos anos de 1990. Este recorte se justifica pelo fato de minha aproximação com os sujeitos que contribuíram para a realização das festividades carnavalesca na cidade de Picos do início ao seu último desfile em 1994.

O ponto de partida se deu através de entrevistas orais com os sujeitos envolvidos, onde as informações colhidas com os entrevistados se deram primeiramente através de conversas sobre o assunto, e com a visualização de vídeos e fotos dos desfiles do período, disponibilizados por alguns dos entrevistados. Depois de feitas as entrevistas e visualização dos vídeos e fotos, ocorreu o processo de transcrição para que se pudesse melhor analisá-las as fontes para termos uma melhor compreensão sobre as Festividades de Momo em nossa cidade.

Assim, o trabalho encontra-se estruturado em dois capítulos, pautado nos elementos centrais que compõe a pesquisa sobre o carnaval picoense. No primeiro capítulo, para se pensar as práticas carnavalescas em Picos nos anos 1980 e 1990, analisaremos os sujeitos históricos percorrendo a cidade, retratado através de imagens da cidade, os discursos da imprensa e da oralidade, como de que maneira os espaços urbanos se movimentavam a partir das práticas cotidianas, especialmente no período do Carnaval. Nessa perspectiva, as leituras de autores

como: José D'assunção Barros, Raquel Rolnik, Michel de Certeau dentre outros, foi de suma importância para uma melhor compreensão sobre a temática.

O segundo capítulo, serão abordadas as relações entre os grupos que constituíam o Carnaval em Picos, suas práticas culturais e sociabilidades, observadas a partir da apropriação de sambas enredos, formação de escolas de samba, rivalidades, alegorias e adereços. Nesse sentido, caberá o uso de imagens, bem como os conceitos de práticas, representações e apropriações, tomadas das leituras de Roger Chartier.

O trabalho utiliza o método pesquisa de caráter exploratório, que se desenrola a partir do levantamento bibliográfico a respeito do carnaval enquanto elemento da identidade picoense nas décadas de 80 e 90, bem como se utilizará a metodologia da história oral e análise de imagens, recortes de imprensa e trechos de sambas-enredo. Num segundo momento utiliza-se como instrumento metodológico a busca de fontes primárias e secundárias junto à associação que organizou o carnaval na cidade de Picos-PI.

Sendo assim, através de uma abordagem das áreas de História, Sociologia e Antropologia servirá para rememorar umas das grandes tradições picoense do período em questão, este estudo tem a finalidade de fornecer explicação para observarmos como se deu a organização desses indutos carnavalesco, bem como dar amparo para novas futuras pesquisas nesta área.

Capítulo 1 – Acordes da cidade: Picos e o processo de modernização nos anos 1980 e 1990

O objetivo deste capítulo é o de expor um pequeno quadro da cidade de Picos, embora o recorte de investigação de trabalho seja as décadas de 1980 e 1990, se faz necessário estabelecer uma conexão com outras leituras relativas às décadas anteriores, para compreendermos e aprofundar análises sobre o período proposto.

Diante dessa abordagem, mais particularmente a partir do século XX, o espaço urbano tem despertado interesse em diversos pesquisadores sobre Cidades. José D'Assunção fala que:

A Cidade – qualquer cidade concreta ou mesmo imaginária – possui necessariamente uma forma, uma estrutura física e concreta sobre a qual se estabelece uma sociedade que, por outro lado, atua permanentemente na reconstrução e reapropriação desta mesma estrutura urbana, nas suas diversas leituras e redirecionamentos.²

Tratar do espaço urbano pode adotar benefício, é talvez pelo fato deste ambiente admitir uma intensa concentração e um ritmo acelerado de viver. Contudo, a concepção de cidades para Sandra Jatahy Passavento³ “é de que elas nos fascinam e ao ponto de sentirmos as cidades”. A definição de cidades para Passavento,

Mas as cidades, na sua compreensão, é também sociabilidade ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos, marcas todas, que registram a ação social do domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do "habitar", essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do "humano": cidade lugar do homem; cidade, obra coletiva que é indispensável no individual; cidade moradia de muitos a compor um tecido sempre renovado de relações sociais⁴.

²BARROS, José D'Assunção. “Cidade, Espacialidade e Forma – Considerações sobre a articulação de três noções fundamentais para a História Urbana” in Lusíada – História (Revista da Universidade Lusíada – Lisboa, Portugal), 2007. Série2, nº6, p.03-20

³PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, sensíveis Cidades, Cidades imaginárias. Rev. Bras. Hist. São Paulo, v.27, n. 53 de junho de 2007. (p. 13)

⁴Idem.

Diante disso, fica evidente que a cidade não é só um lugar que recebe seus moradores, mas todas as duas representações, pois, a partir desse espaço, é que se constrói uma convivência diária entre as pessoas, onde procuram modificar o ambiente dando assim novas características pelos quais percorrem as vidas daqueles que compõe a sociedade.

No processo de ocupação do mundo, modificamos os territórios que habitamos tornando-os assim espelhos da nossa própria imagem, ou seja, territorialidades que expressam a ligação entre o substrato material da vida e a atividade humana de produção dos meios de existência que, segundo Milton Santos⁵, juntas, constituem a forma-conteúdo reveladora de modos de vida que é a cidade. Ele aborda que “por meio deste vínculo alteramos a geografia natural produzindo e reproduzindo os ambientes que resultam de nossa “evolução” no tempo, transformando-os em uma “segunda natureza”⁶

Sobre essa abordagem de modificação do espaço urbano, Argan argumenta:

Em nossa trajetória histórica até a atualidade modificamos o espaço construído e objetivado da cidade até o ponto em que esta não pode mais ser considerada um território delimitado ou em expansão, mas um “sistema de serviços” cuja potencialidade é praticamente ilimitada⁷.

Ao longo da temporalidade, podemos observar a cidade transformada em temas distintos como na música, na arte, nas pinturas. Traçadas e muitas vezes planejadas pelos projetos de arquiteturas urbanas, desenhadas pelas artes plásticas e representada pelos ritos religiosos que ritualizam o cotidiano de civilidade, criando e recriando, no todo ou em partes, uma cidade imaginária. Pesavento descreve:

As cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, sempre corresponderam outras tantas cidades imaginárias, o que demonstra ser a cidade uma obra do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos.⁸

⁵SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

⁶Idem.

⁷ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

⁸PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, sensíveis Cidades, Cidades imaginárias. Rev. Bras. Hist. São Paulo, v.27, n. 53 de junho de 2007. (p. 11-23)

Diante dessa perspectiva, podemos acrescentar também "[...] que planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a própria pluralidade do real e dar efetividade a este pensamento do plural: é saber e poder articular." ⁹ Ou seja, a cidade é elemento da construção das imagens e discursos que se põem diante da materialidade e do social a qual representa. Com isso, a cidade se torna um fenômeno que se mostra pela percepção das emoções, dos sentimentos na convivência urbana e também pela expressão de alucinações, desejos, esperanças, e medos, que podem ser individuais e coletivos, dos sujeitos que nela habita. É, sobretudo, resultado do fascínio que ela exerce nos indivíduos e da necessidade de compreender a complexidade da malha urbana.

É nesse espaço urbano que procuramos observar de que maneira a sociedade picoense se mobiliza a partir das práticas cotidianas, especialmente no período do Carnaval, onde bairros se organizavam quase o ano todo, dando seu máximo e não medindo esforço em busca de um objetivo único, sagrar-se campeão na grande disputa do carnaval picoense.

Diante desse espaço urbano, ao analisando a obra de Michel de Certeau, percebemos que "o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente". Nesse sentido, "o cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior [...], é uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada". [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história "irracional", ou desta 'não história', como o diz ainda A. Dupont. "O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível..."¹⁰.

Seguindo essa abordagem, Michel de Certeau¹¹, nos aponta que "o homem ordinário" inventa seu dia-a-dia com mil maneiras diferentes "caça não autorizada", fugindo silenciosamente a essa conformação. Essa invenção do cotidiano se dá graças ao que Michel de Certeau¹² chama de "artes de fazer", "astúcias sutis", "táticas de resistência" que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um. Ele acredita que a multidão anônima possa abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas

⁹CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 172.

¹⁰Idem p. 31.

¹¹Idem.

¹²Idem.

políticas culturais, numa liberdade em que cada um procura viver, do melhor modo possível, a ordem social.

Michel de Certeau¹³ nos mostra que caminhar é um ato de enunciação e dialetizar o significado de lugar. Usando da interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento com conceitos antropológicos, fazendo o “observador” interagir com o universo em que está observando. Andar pela cidade faz desse apazível exercício uma enunciação, enunciação pedestre. O significado é de um lugar que ultrapassa “lugares praticados”, usando a metáfora de espaço que a cidade representa e as localidades. Apresenta-nos também o conceito de mobilidade urbana que constitui a contemporaneidade e o semblante que diminui o conceito de movimento.

Ao analisar o livro *A invenção do cotidiano* de Michel de Certeau¹⁴ nos reportamos ao alto do 110º andar do World Trade Center, detalhes da cidade de Manhattan, como os prédios e dos parques da cidade. Devendo fazer nós o mesmo, procurando observar o ambiente do alto para discutir os detalhes que serão estudados e analisados, como os comportamentos e hierarquização de seus membros, ou seja, suas histórias.

Estudando esse ambiente, proporciona a nós, lembranças de fatos que nos tenha acontecido. Possibilitando assim ao “observador” uma maior interação com o ambiente com suas próprias lembranças e vivências. Esse espaço a ser analisado acaba tendo histórias e vastas impressões.

Diante dessas vastas impressões expostas até aqui o momento sobre cidade e cotidiano pretendemos abrir caminhos para o tema que nos impulsionou na construção deste trabalho, que visa compreender as REINAÇÕES DE MOMO NO SERTÃO NO PIAUÍ: história e memória do Carnaval em Picos nas décadas de 1980 e 1990, contudo, consideramos que é preciso abrir um parêntese e tratar da cidade de Picos nesta época para em seguida, focarmos na abordagem do carnaval picoense.

¹³CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Caminhadas pela cidade*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹⁴Idem

1.1 Surgimento e desenvolvimento da cidade de Picos.

Diante dessas argumentações teóricas, o objetivo deste tópico é o de apresentar um breve quadro da cidade de Picos desde a sua formação e povoamento até o recorte temporal em que esse trabalho se desenvolve.

O município de Picos teve sua origem no povoado de Bocaina. De início, Picos foi uma unidade do vizinho Município de Oeiras. O local onde hoje se encontra a cidade era constituída de fazenda de gado, de propriedade da família Borges Leal, que compreendia quase todo o município. Está localizada em uma fertilíssima várzea às margens direita do Rio Guaribas e cercada de montes picosos daí a origem de seu nome.

A cidade de Picos está situada no sertão do nordeste brasileiro, centro sul do Estado do Piauí, a 310 km de distância da capital, Teresina, e tem hoje 73.414 habitantes segundo dados do IBGE 2010¹⁵. Possui uma população flutuante, que diariamente circula no município, chegando a atingir cerca de 150.000 pessoas, isso devido à sua centralidade geográfica e pelo destaque que obteve como cidade polo do território de desenvolvimento do Vale do Guariba, que de acordo com estudo feito em 2007 pela Fundação CEPRO (PI)¹⁶, 39 municípios integram a região do Vale do Rio Guaribas.

As margens do Rio Guaribas, as terras do Município oferecem boas condições de pastagens e outras vantagens para todo gênero de criação. Por conta disso, eram atraídos vários compradores de equinos de outras províncias como as de Pernambuco e Bahia, iniciando-se assim, o povoamento da região.

São esses aspectos que Raquel Rolnik aborda como “ímã”. Segundo Raquel Rolnik: “Na busca de algum sinal que pudesse apontar uma característica essencial da cidade de qualquer tempo ou lugar, a imagem que, me veio à cabeça foi a de um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens”¹⁷.

Mesmo Picos não sendo nesse período caracterizado como cidade, podemos nos apropriar da metáfora do ímã que na qual a cidade seria como um polo de atração, que atraia homens e mercadores para comercialização de diversos produtos as margens do Rio Guaribas. Ou seja, através desse conceito, cidades ou

¹⁵IBGE, censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 15 ago. 2014.

¹⁶Dados com base em estudo feito em 2007 pela Fundação CEPRO (PI), 39 municípios integram a região do Vale do Rio Guaribas.

¹⁷ROLNIK, Raquel. *O que é cidade?*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 12

vilas de áreas geográficas distintas, puderam criar algum tipo de laços que contribuíram para seu desenvolvimento nos diversos níveis, sobretudo nos aspectos econômicos e culturais de ambas.

O povoado de Picos alcançou avançado estágio de desenvolvimento sendo assim elevado à freguesia pela Resolução Civil nº 308, de 11 de setembro de 1851, no Governo do Conselheiro Saraiva. Mantendo um constante crescimento, a freguesia foi elevada à categoria de vila por intermédio da Resolução Provincial nº 397, de 20 de dezembro de 1855, cuja instalação oficial se deu apenas em 03 de julho de 1859. Nesse mesmo ano de 1859, com a Lei Provincial nº 468, o Distrito Judiciário de Picos foi desmembrado da Comarca de Oeiras, sendo anexado à Comarca de Jaicós¹⁸.

Com relação ao desmembramento da cidade de Oeiras, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) aborda:

Depois de ser elevada ao título de cidade, Picos começou a crescer e tem como formação administrativa a resolução provincial nº 308, de 10-09-1851. Elevado à categoria de município com a denominação de Picos, pela resolução provincial nº 397, de desmembrado de Oeiras. Constituído do distrito sede. Instalado em 13-07-1859. Elevado à condição de cidade com a denominação de Picos, pela resolução provincial nº 33, de 12-12-1890. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído do distrito sede. Pelo decreto estadual nº 1279, de 26-06-1931, o município de Picos adquiriu o município de Patrocínio. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de 2 distritos: Picos e Patrocínio. Pelo decreto estadual nº 1575, de 17-08-1934, desmembra do município de Picos o distrito de Patrocínio. Elevado à categoria de município. Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município é constituído do distrito sede. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído do distrito sede. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 200¹⁹.

O Decreto de 28 de dezembro de 1889 cria a comarca de Picos, instalada pelo seu primeiro Juiz de Direito, Dr. João Leopoldino Ferreira e que tinha na figura do Coronel Josino José Ferreira, o primeiro Promotor Público.

¹⁸ Árvore Genealógica da Família Luz. Disponível em: <http://www.familialuz.com.br/picospi.php>. Acesso em 04 de agosto de 2014.

¹⁹ Dados com base no censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) Histórico da cidade de Picos (2010)

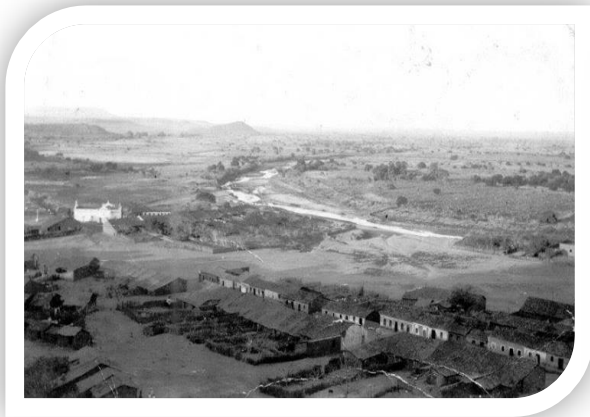


Imagem 01: Antiga Av. Getúlio Vargas no ano de 1950.
Fonte: Acervo Varão

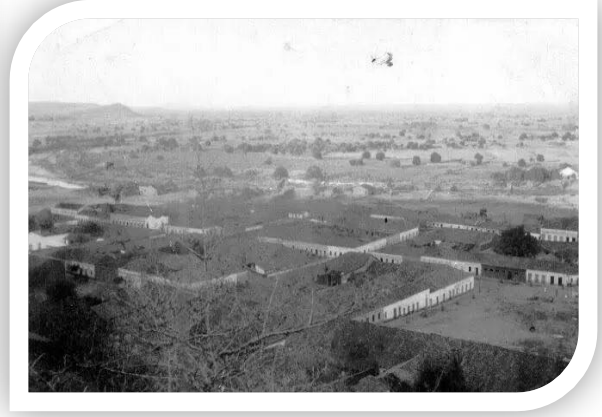


Imagem 02: Antiga Av. Getúlio Vargas e o que vem a ser a Praça Félix Pacheco no ano de 1950.
Fonte: Acervo Varão

As imagens acima representam o processo de povoamento de Picos na primeira metade do século XX às margens do rio Guaribas, que de início contava como algumas residências assim como é observado na Imagem 01, e que aos poucos foi se desenvolvendo, possibilitando um maior progresso na medida em que famílias desenvolveram a agricultura e o comércio, mais residências eram construídas assim como mostra a Imagem 02.

Diante disso, no dia 12 de dezembro 1890, Picos passou de vila à categoria de cidade, pela resolução nº 33 do então governador do Piauí, João da Cruz e Santos, o Barão de Uruçuí. Antes, na década de 1870, começaram chegar à cidade os Italianos, fugidos da unificação dos reinos e estados da Península Itálica que contribuíram significativamente no desenvolvimento picoense no século XX. Com grandes habilidades agrícolas e comerciais, os italianos inseriram na cidade novas técnicas agrícolas e também ampliaram o comércio na cidade - juntamente com os fazendeiros que ali moravam há alguns anos, em uma região irregular e escassa, surgindo assim às primeiras ruas da cidade.

Sobre a chegada dos italianos a Picos, Albano argumenta:

Quando chegaram, encontraram a região povoada e Picos ainda era uma vila. Vieram acrescentar e enriquecer a sobriedade e a abastança dos habitantes do lugar, resquícios ainda de um patriarcalismo. Vindo de um país onde predominavam as letras e as

artes, os italianos souberam despertar nos picoenses esses mesmos sentimentos que neles existiam em forma latente²⁰.

A imagem abaixo representa a localização da cidade de Picos:

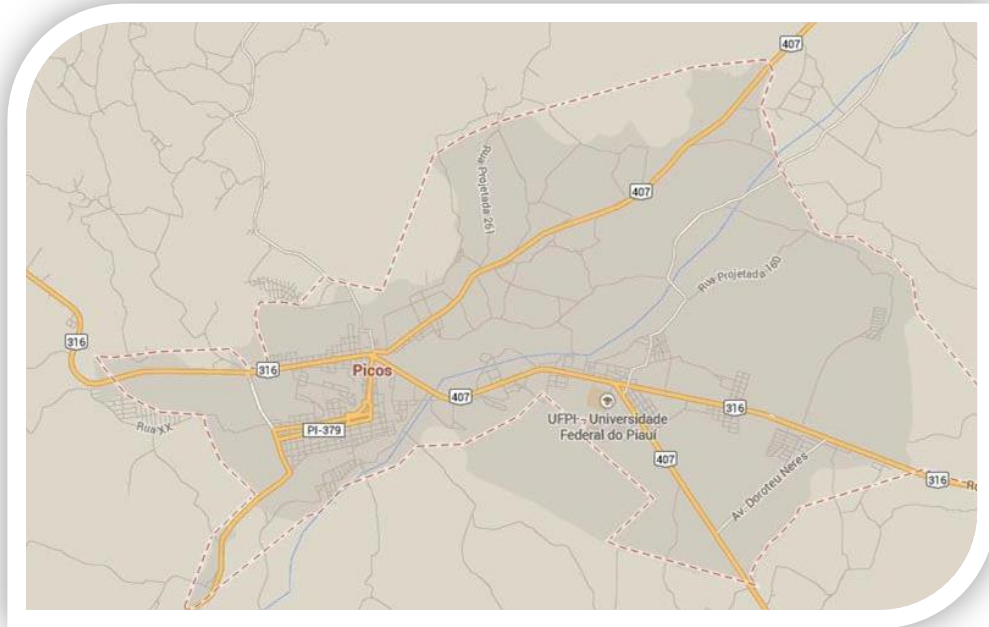


Imagem 03: Localização da cidade de Picos-PI.
Fonte: Google Maps. 2014

A cidade possui um importante entroncamento rodoviário, sendo cortada pelas BR 316, BR 230, BR 407 e BR 020. É destaque nacional pelo comércio e setor de serviços que desenvolve na região, é também considerado um importante polo de saúde, que atrai muitas pessoas vindas de outras localidades, e um dos maiores centros de exportação de mel do Brasil segundo a Associação Brasileira de Exportadores de Mel – ABEMEL²¹ e tem o segundo maior PIB do estado ficando atrás apenas da capital, Teresina.

Na década de 1960, ocorre na região, um grande desastre natural proporcionado pela maior enchente do Rio Guaribas, destruindo quase por completo a cidade de Picos²².

A imagem a seguir representa a situação da população picoense durante a cheia do Rio Guaribas:

²⁰ ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. *Picos nas anotações de Ozildo Albano*. Picos, 2011.

²¹ Dados com base na Associação Brasileira de Exportadores de Mel – ABEMEL

²² ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. *Picos nas anotações de Ozildo Albano*. Picos, 2011.



Imagem 04: Enchente no município de Picos nos anos 60.
Fonte: Foto Varão

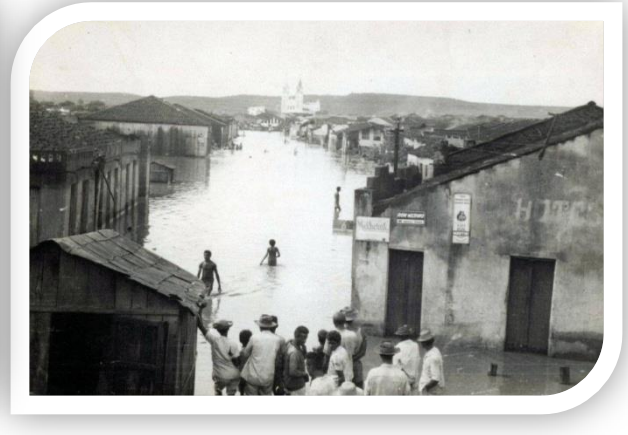


Imagem 05: Enchente no município de Picos nos anos 60.
Fonte: Foto Varão

Conforme foi crescendo, a população foi aumentando, vindo com isso novo recursos para a cidade e o desenvolvimento urbano se estabeleceu progressivamente. Na década de 1970 é criado a diocese de Picos, pelo Papa Paulo VI conferindo a cidade um referencial também de fé²³, como também a instalação de Indústria e um Batalhão Militar.

Já a década de 80 já havia se solidificado o comércio que se concentrava na cidade de Picos e este já era uma das principais fontes econômicas da cidade culturalmente, é nesse período que a sociedade perde um grande espaço de lazer proporcionado pelo fechamento do cinema denominado Cine Park em 1982.

Sobre o espaço de lazer utilizado por grande parte da sociedade picoense, Lairton Bezerra comenta:

O lugar era bem central, pois estava localizado ao redor da Praça Félix Pacheco [...] Era um lugar de lazer e sociabilidade das pessoas, em que, por exemplo, os casais de namorados gostavam muito de passear e se encontrarem. Também era ao redor desse espaço que estavam localizados os pontos comerciais da cidade, bares e sorveterias, ocasionando a atração. Além da juventude, também vinham à praça os senhores e senhoras para resolverem seus problemas, comprarem mercadorias e, por fim, passearem com suas famílias²⁴.

²³ ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. Picos nas anotações de Ozildo Albano. Picos, 2011.

²⁴ BORGES, Lairton Bezerra. BARROS. *Sob o signo da ilusão: as várias formas de representação do cine SPARK de Picos de 1964 a 1988*. p.36. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2013.

No período, o Cine Park serviu de ambiente de distração de grande parte da população picoense. Com o seu fechamento, a cidade perderia um grande atrativo comercial, cultural e de sociabilidade das pessoas que frequenta o entorno do cinema.

O tempo passa e a falta de um planejamento urbano gerou vários problemas sociais para a então cidade recém-emancipada. Em certos períodos do ano, as populações que moravam próximo ao leito do rio Guaribas, sofriam com suas cheias. No período de dezembro a abril, essas precipitações eram com mais frequência e por medo, moradores se viam obrigados a buscar lugares mais “seguro” para instalar-se longe das enchentes, surgindo assim às primeiras casas nas encostas dos morros que cerca a cidade de Picos.

O Jornal “Voz de Picos”²⁵, no ano de 1984, representava uma imagem da insatisfação de uma parte da população picoense em relação à falta de estrutura tanto urbana, social e cultural em que a cidade enfrentava como: falta de saneamento básico, estrutura inadequada de espaço de lazer para atender a grande parte da população onde eram excluídos pela minoria da sociedade.

Havia outro problema a ser enfrentado pela população picoense. A região ainda era uma área predominantemente rural e todos os anos sofria com a estiagem, mostrando um contraste como ocorria no período da cheia do Rio. A maioria das famílias vivia da agricultura e da pecuária. Segundo o Sr. Francisco Júlio de Sousa,

Picos era muito diferente do que é hoje. Naquele tempo a gente vivia da roça, plantando arroz, feijão, alho. Picos era rodeado por currais, hoje é tudo casa. Quando era no sábado, o dia da feira, como ainda é hoje, não tinha essa multidão de gente que tem hoje, até porque, vim para Picos era muito ruim porque não tinha estrada e não tinha carro. Picos era uma cidade mais tranquila. As oportunidades de emprego que havia eram na prefeitura, em algum comércio e a roça mesmo²⁶.

Tentando amenizar esses problemas, o Governo Federal trata de instalar na cidade uma unidade militar (3º Batalhão de Engenharia de Construção) em 1970, trazendo grande desenvolvimento para a cidade.

²⁵Matéria do Jornal Voz de Picos sobre a falta de saneamento na cidade de Picos. 1984

²⁶SOUSA, Francisco Júlio. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2014.



Imagem 06: Imagem da 1^o sede do 3^o BEC em Picos localizada no Bairro Catavento. Fonte: Foto 3^o BEC

Outro grande salto a caminho do desenvolvimento da cidade foi à vinda da Indústria Coelho S/A na década de 1970 como nos fala em entrevista o Sr. Francisco Júlio de Sousa:

A Indústria Coelho quando veio para Picos foi um episódio muito bom para a cidade. Na Paraibinha [bairro de Picos, onde fica localizado a Indústria Coelho] ficava lotado de caminhão esperando carregar para seguir viagem. Para aqueles que não queriam mais trabalhar na roça, agora tinham outro meio de ganhar dinheiro. E, também outra coisa muito boa foi à plantação de algodão. Na região muita gente passou a plantar algodão, mas infelizmente as plantações começaram a dar praga, o bicudo. Algumas pessoas dizem que foi fraudulenta a criação da praga. Dizem que foi um pessoal do Sul que trouxeram para Picos com medo de perderem a freguesia²⁷.

Após a instalação das Indústrias Coelho S/A na Zona Leste da cidade de Picos, houve uma descentralização do crescimento que até então se concentrava apenas no centro da cidade, diante disso, a mesma proporcionou empregos e alguns agricultores passaram a cultivar algodão. Dessa forma, as famílias picoense passaram a ter outros meios de subsistência, o que resultou na melhoria de vida de algumas pessoas da sociedade picoense. Casas foram construídas, lojas foram inauguradas, Bairros foram se formando, e assim, a Zona Leste da cidade de Picos foi crescendo, desenvolvimento.

Sobre os benefícios com a instalação da Indústria Coelho S/A Marli Alves argumenta:

²⁷SOUSA, Francisco Júlio. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2014.

Indústrias Coelho S/A, em Picos, de algum modo foi benéfica para a região. [...] Até o final da década de 1980, a Indústrias Coelho S/A estava em pleno funcionamento. [...] Com o tempo em que a Indústrias Coelho S/A foi se consolidando em solo picoinense, foi incrementada com maquinários modernos possibilitando aos seus operários experiências com o trabalho fabril, vivências pessoais e relações cotidianas. O progresso visualizado pela chegada da tecnologia moderna, em Picos, era entendido como sinais de desenvolvimento local e o estabelecimento de novas relações de trabalho²⁸.

O comércio de Picos era bem diversificado, por volta dos anos de 1970. A chegada da Indústria Coelho S.A, bem como a instalação do Terceiro Batalhão de Engenharia de construção ajudam a dinamizar as relações comerciais na cidade, que se tornam mais pulsantes. No entanto, como podemos perceber ainda hoje, a cidade possuía uma grande dependência como a zona rural, onde diariamente, pessoas que moravam em localidades vizinhas, se deslocavam até a cidade para abastecer com produtos agrícolas, como nos indica Alyson Leal de Sousa²⁹, estes indivíduos chegavam a caravanas de comerciantes vindos de diversos interiores na sexta feira e arranchavam-se em casas de amigos para, no dia seguinte bem cedo, participar do principal dia da feira livre de Picos, muitas pessoas se dirigiam para o centro comercial na madrugada do sábado para comercializar seus produtos.

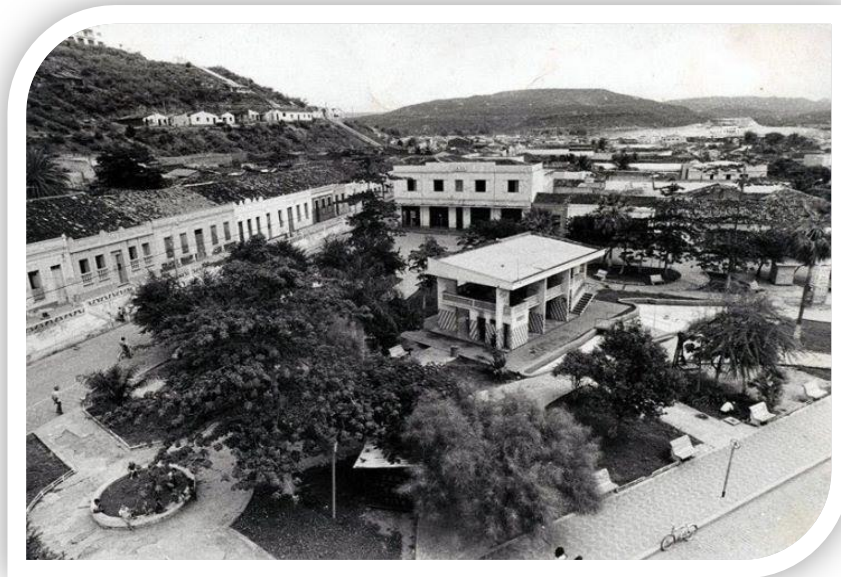


Imagem 07: Praça Félix Pacheco nos anos de 1970.
Fonte: Museu Ozildo Albano.

²⁸ ALVES, Marli Costa. História e memória da Indústria Coelho S/A: Trabalho e cotidiano dos operários de Picos (1970 – 1999). Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos. 2012.

²⁹ SOUSA, Ályson Leal de. História do Bairro Ipueiras na cidade de Picos (1820- 1970). Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012.

Utilizando a imagem anterior como fonte história, podemos observar a Praça Feliz Pacheco no início da década de 1980, um dos principais pontos de encontros na cidade no período. Ao centro, o Abrigo, nome de um famoso bar, onde no térreo funcionava um espaço destinado às festas nos finais de semana. Os bancos próximos a jardins arborizados, onde podia encontrar diversos tipos de plantas, como roseiras e árvores típicas da região picoense como os carnaubais que tornava um lugar agradável para encontros entre amigos, passeios, namoros, especialmente aos finais de semana.

Diante dessa perspectiva, e em meio a grandes dificuldades enfrentadas, não só nessa cidade, mais como em todas as outras, a cidade de Picos, possibilitava, espaço de lazer, onde eram frequentadas por uma grande parte da população picoense, em especial aos finais de semana.

Sobre esses espaços de lazer na cidade de Picos, Helena Rodrigues de Sousa argumenta:

Picos antigamente tinha mais opção de lazer do que hoje. Tínhamos cinemas, onde podíamos assistir filmes. Aos domingos, assistíamos a missa na igreja Matriz e depois, seguíamos para a Praça Felix Pacheco para que mais tarde, ir para as boates, Tropicó, Luarada e Casarão onde ficávamos até mais tarde curtindo os sucessos da época. Tinha muita opção pra sair. Até mais do que hoje!³⁰

O cinema era um desses espaços que contemplava vários tipos de público. Desde a classe alta, detentora de recursos, mas que não era tão frequente nas exposições, como também a classe mais baixa, na maioria das vezes, não possuía recursos financeiros suficientes para participar ativamente das exposições, embora tivesse o interesse.

O local do cinema era bem central, localizado ao redor da Praça Félix Pacheco e considerado na época como um ponto de referência para todos os picoenses assim como também para que os que vinham de fora. Era um lugar de sociabilidade e lazer das pessoas, que muitas vezes, casais de namorados marcavam encontros.

³⁰SOUSA, Helena Rodrigues de. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2015



Imagem 08: Praça Félix Pacheco nos anos 1980.

Fonte: Museu Ozildo Albano



Imagem 09: Praça Félix Pacheco nos anos 1980.

Fonte: Museu Ozildo Albano

Um espaço público, arborizado, no centro da cidade e de uma enorme visibilidade, que proporcionava lazer para a grande massa de picoenses. Diante desse espaço de sociabilidade da comunidade picoense, também era possível observar ao redor desse espaço, os pontos comerciais da cidade, bares e sorveterias, ocasionando mais opções de atrações. Além dos jovens, à praça contava com a presença dos senhores e senhoras que vinham comprar mercadorias e aproveitar o espaço para passear com suas famílias.

Uma vez que compreendemos o surgimento e as raízes que originaram Picos, cidade que abriga em seu seio as práticas culturais que é o objeto deste estudo, assim passaremos a tratar mais especificamente das memórias dos viventes do carnaval picoense.

Capítulo 2 – Orfeu e a cidade: práticas carnavalescas, cultura e sociabilidades.

O intuito desse segundo capítulo se direciona em abordar as relações entre os grupos que constituíam o carnaval picoense, bem como suas práticas culturais de sociabilidades. Outras questões importantes observadas é procurar descrever como se deu a formação das escolas de samba, suas rivalidades, escolhas das alegorias e adereços, bem como as apropriações de sambas enredos.

As festividades carnavalescas, na conjuntura histórica, proporcionaram ocasiões marcantes para civilização humana. Por serem momentos coletivos, as festividades envolve diretamente a ideia de convívio e de diálogo, proporcionando uma visão de compartilhamento, confronto de valores e modelos social desenvolvido durante o dia-a-dia dos indivíduos. Assim, o carnaval passou a ser comparado aos diversos tipos de rituais e costumes em diferentes períodos históricos da humanidade, mostrando as diversidades e significações atribuídas às festas pelas sociedades.

O conceito da temática “carnaval”, ainda não chegou ao estágio de conceituação mais sólida. Segundo Queiroz, o conceito de carnaval sempre foi confuso. “Aqueles mesmos que o encaram como festa do conagraçamento e da concórdia, também o rotulam de festa da desordem e dos excessos”³¹. As festividades conseguem juntar as disputas e afirmações de poder político, sendo um espaço privilegiado de conservação e, como em outros momentos, servindo como escape, para amenização das tensões entre os diferentes segmentos da vida em sociedade durante o ano. Diante disso, o carnaval, como sugere alguns autores, seria um campo de constantes contradições, que proporciona para o indivíduo, formular ou reformular significados presentes nas festividades de Momo.

Segundo Queiroz³², embora possa ser constantemente transformado através de disputas simbólicas, o carnaval no Brasil, sempre procurou manter as mesmas datas, desde o período colonial, o que demonstra em se tratar de uma “tradição” onde os valores proporcionava afeições de carinho para com o povo.

³¹QUEIROZ, Jonas Marçal. “História, mito e memória: o cunani e outras repúblicas”. In: Nas Terras de Cabo Norte. Fronteiras Colonização e escravidão na Guiana Brasileira – Século XVIII e XIX. Flávio dos Santos Gomes (Org.) Belém: UFPa. 1999, p. 182

³²Idem (id.)

Ao longo do processo histórico cultural, o carnaval sofreu várias modificações, passando a ser influenciado cada vez mais, pelas elites dominantes de que pelas camadas populares.

Visto como um símbolo sofisticado, os bailes de máscaras passaram a representar à moda da elite dominante do autêntico carnaval. O sujeito que não estivesse inserido nesse modelo era considerado grotesco e selvagem, ou seja, não era considerado carnaval. É neste contexto que o carnaval ganha forma no Brasil.

As elites brasileiras, ao incorporar o modelo parisiense da época, iniciam uma série de modificações que ocasionou mais tarde o carnaval “verdadeiramente” brasileiro.

O *carne vale*, ou carnaval com ficou conhecido mais tarde, incorporou elementos aos conflitos entre o carnaval popular e o realizado pela burguesia nos próprios ambientes de disputas, ou seja, as ruas das cidades, “atores” importantes para a organização e realização da diversão nacional. Diante disso, as ruas não seria apenas o palco preferencial das associações carnavalescas ao estilo da elite, e sim, um espaço de surgimento dos grupos carnavalescos populares, que aos poucos se consagraram em uma das maiores festas popular nacional.

Diante dessa temática, o antropólogo observa o Reinado de Momo como um rito em que a sociedade dramatiza e observa questões vivenciadas no dia a dia da comunidade. Roberto Da Matta constrói uma visão homogênea e generalizante do carnaval brasileiro como um período a-histórico em que reina a inversão social³³. Isso fica evidente em um dos fragmentos de seu livro, no qual, seguindo o modelo antropológico sobre a análise comparativa, aborda dois carnavais em nações e culturas bem distintas: o carnaval do Rio de Janeiro no Brasil e de Nova Orleans no Estados Unidos. Segundo o antropólogo, o Brasil, que vive diariamente um estado de exclusão e discriminação da sua população, o carnaval converteria em democrática e inclusiva, onde todos poderiam liberar suas fantasias sem discriminação social. Nos Estados Unidos, esse fato se inverteria. Uma sociedade democrática e igualitária, na inversão trazida pelo carnaval, ocasiona características discriminatórias e hierarquizantes³⁴.

³³DA MATTA, Roberto. Carnavais malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro. 3ª edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. pág 30

³⁴Idem (id.)

Mudando o foco para o campo dos trabalhos historiográficos, é de suma importância tratar da obra de Mikhail Bakhtin “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais”. Ao observar a obra de Rabelais “Gargantua e Pantagruel”, percebemos que o historiador busca descobrir a dualidade do mundo Medieval e do Renascimento, apontando a interação de uma cultura oficial que buscava diariamente firmar a ordem vigente da Igreja ou do Estado feudal e as diversas formas de manifestações da cultura cômica popular que escapava deste mundo organizado pelas elites³⁵.

Bakhtin utiliza-se das festividades como base para análise do mundo em transição entre o medieval e o renascentista, deixando clara a existência de distinções entre as festas oficiais (tanto da Igreja quanto do Estado feudal) e as populares (em que o carnaval seria a principal). No seu entendimento, a primeira teria um caráter solidificador da organização social, em que contribuía para consagrar e sancionar a ordem em vigor³⁶. Já a segunda manifestação, o carnaval trazia um caráter grotesco e libertador desligado de qualquer princípio religioso e eclesiástico³⁷.

Para a consolidação dessa pesquisa, é de extrema importância tomar como objeto de análise das relações sociais estabelecidas nesse momento histórico. Diante disso, caberá perceber a memória coletiva, os sentimentos e ressentimentos produzidos a partir dessas práticas.

O historiador oral tem como matéria-prima a memória daqueles que viveram e que testemunharam fatos em uma dada época. O seu trabalho é lento, complexo e requer paciência. Há dados que precisam ser lidos e relidos, postos em confronto com outros dados para assim, poder-se dele extrair a verdade. Fazendo assim, estará o historiador puxando continuamente novos fios, fios que se cruzarão e revelarão novos dados sobre o objeto histórico que têm em mãos³⁸.

Ao tratar o tema da memória individual e memória coletiva, segundo Halbwachs³⁹ que “para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que

³⁵BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de Brasília, 1987. Pág. 4.

³⁶Idem (id.)

³⁷Idem (id.)

³⁸PINHEIRO, Cristina Feitosa. História e Memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967 – 1987). [Dissertação de Mestrado]. Teresina: Centro de Ciências da Educação da UFPI, 2007.

³⁹HALBWACHS, Maurice. A Memória coletiva e memória histórica. In. A memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

sabemos de um evento sobre o qual já tivemos alguma informação”, ou seja, para que um acontecimento se eternize e se torne memória para um grupo é preciso que tenha um testemunho para reviver determinados fatos. Ainda segundo o mesmo, “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso”.

Em seus estudos, Halbwachs apresenta um novo conceito para a noção de memória. Para ele, mesmo que aparentemente privado, a memória pertence a um grupo; o sujeito carrega em si a lembrança, não deixando de sempre estar interagindo na sociedade, ou seja, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”⁴⁰.

A memória individual está enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes sujeitos, houve uma transposição da memória pessoal “individual” para se transformar num conjunto de fatos compartilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva.

Deste modo, não será possível ao sujeito recordar as lembranças de um grupo com o qual suas lembranças não se identificam. Segundo Halbwachs,

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum⁴¹.

Sendo assim, a memória de um sujeito é uma combinação das memórias dos grupos onde o indivíduo frequenta como: na família, no trabalho, na escola, com os amigos onde na qual sofre influência participando da memória individual e coletiva.

Reforçando a ideia de memória coletiva o autor coloca que mesmo estando sozinho as nossas lembranças vão permanecer sempre coletivas, por que muitas das lembranças que vamos ter serão de momentos que vivenciamos com o grupo, o que ele coloca sobre a memória individual é que no contexto de toda lembrança vai existir uma intuição sensível, portanto: “Assim, na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que

⁴⁰ HALBWACHS, Maurice. A Memória coletiva e memória histórica. In. A memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

⁴¹ Idem.

chamamos de intuição sensível – para distingui-lo das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social”⁴².

Sendo assim, como historiador, proponho registrar e analisar a história do Carnaval Picoense nas décadas de 1980 e 1990. Diante desse vazio de produção, as motivações se tornaram mais fortes, uma vez que se não se escrevesse essa história, os depositários da memória dos integrantes e de pessoas que presenciaram, poderiam deixar de existir e com eles se perderiam as informações necessárias para essa escritura.

Fala-se aqui de memória, pois foi através dela que se pôde rememorar o passado das comemorações de Momo, adotando-se o método da história oral para tal festividade cultural. Adotaram-se como referencial teórico, os conceitos extraídos da Nova História Cultural, que oportuniza ao pesquisador investigar temas que antes não eram considerados como acontecimentos históricos importantes, logo, deveriam ficar afastados do registro histórico.

Diante desse embasamento, e refletindo sobre o carnaval Picoense, percebemos que o mesmo era um rico exemplo de como a cultura se expressa de maneira dinâmica, como afirmam alguns teóricos. Em um curto período histórico, diversas transformações ocorreram nas manifestações carnavalescas da cidade, desde as comemorações em clubes privados até os famosos desfiles realizados na principal avenida da cidade, preservando assim as dialéticas e disputas simbólicas que, de acordo com Da Matta⁴³, “constituem a própria essência do carnaval como um rito nacional”.

2.1. Comemorações da Festa de Momo nos clubes picoense.

Anterior à década de 1980, as comemorações do Reinado de Mono na cidade de Picos-PI, eram festejadas em clubes fechados onde eram restritas apenas, para algumas parcelas da sociedade picoense que buscaram organizar agremiações, onde pudessem desenvolver várias atividades associativas e recreativas, tendo como referência em organizar a celebração de Momo

⁴²HALBWACHS, Maurice. A Memória coletiva e memória histórica. In. A memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

⁴³DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

separadamente dos *folguedos*⁴⁴ do *entrudo*⁴⁵, que aos poucos começaram a tomar as ruas e bairros da cidade.

Essas animações no âmbito privado podem ser observadas como parte dos interesses de grupos do topo social picoense, que buscavam representar os carnavais das grandes cidades, como, por exemplo, Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, para um nível mais local.

As festas nos clubes permitiam que ocorresse separação étnica que existia entre as pessoas, já que pobres não participavam, e com isso, marcava um distanciamento das camadas com maior capacidade aquisitiva com relação aos sujeitos da camada mais baixa. Com isso, os clubes, em comemoração ao carnaval, deixam de ser aberto ao público em geral e passa a ser participado por pessoas de famílias de classe econômica superior ou convidados.

As imagens a seguir representam aos bailes de carnavais nos principais clubes existente na cidade anterior e posterior a década de 1980; Samambaia Campestre Clube, localizado na Rodovia BR-407, Picos-PI, fundado no ano de 1977; Clube dos Oficiais do 3º BEC, localizado na vila militar na Av. Senador Helvídio Nunes, Jardim Natal, Picos-PI, fundado no ano de 1956; e Picoense Clube (Sociedade Civil Picoense Clube), localizado na Rua Monsenhor Hipólito, Picos-PI, fundado no ano de 1978.



Imagem 10: Samambaia Clube,
Carnaval de 1978.
Fonte: Acervo Varão.



Imagem 11: Clube dos Oficiais do 3º
BEC, Carnaval de 1981.
Fonte: Acervo Varão.

⁴⁴ São festas populares de espírito lúdico que se realizam anualmente, em datas determinadas, em diversas regiões do Brasil. Algumas têm origem religiosa, tanto católica como de cultos africanos, e outras são folclóricas.

⁴⁵ Período de festividades populares que ocorre antes da quaresma da religião católica.



Imagem 12: Picoense Clube - Carnaval de 1978.
Foto – Fátima Sá.
Fonte: Acervo Varão

Tidos como os clubes da elite, o Samambaia Campestre Clube e Clube dos Oficiais do 3º BEC, ofereciam diversos bailes, não somente no período do carnaval, “mas em outras datas comemorativas”. Este espaço era composto basicamente pelo grupo da elite da sociedade picoense, sendo frequentada pelos donos do comércio e alguns fazendeiros da cidade.

Sobre as comemorações do reinado de Momo nos clubes, em entrevista com a Srª Francisca Teresa da Conceição, comenta:

A matinal do Picoense Clube era o melhor carnaval que existia. Principalmente para quem não tinha muito dinheiro. Começava às 10h da manhã e terminava 14h da tarde. Todo mundo fantasiado. Quem tinha uma melhor condição financeira, seguiam para o Samambaia Clube, onde era frequentado apenas por sócios e convidados⁴⁶.

2.2. Surgimento do carnaval de rua com as escolas de samba

Com o passar dos anos, as comemorações deixam de limitar-se apenas aos clubes, ou seja, para uma pequena parte da sociedade picoense, e começa a se expandir por diversos bairros, onde as agremiações passaram a se organizar durante o ano com o auxílio da Secretaria de Cultura da cidade de Picos.

Neste contexto, a ideia de começar a organizar uma Escola de Samba tornava-se cada vez mais reforçada e seu surgimento não tardou. Aos poucos, com a fundação de algumas escolas, o grito do samba na garganta dos foliões e no

⁴⁶CONCEIÇÃO, Francisca Teresa da. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2015.

batuque dos tambores, tamborins, repeniques, entre outros instrumentos dava uma nova roupagem ao carnaval picoense.

De acordo com Sousa⁴⁷, de 1980 a 1990, as manifestações carnavalescas picoense estiveram voltadas principalmente para a Avenida Getúlio Vargas, especialmente porque as mesmas já se encontravam calçada, facilitando a apresentação das pessoas que se dedicaram grande parte dos últimos meses, no intuito de fazer uma boa apresentação e sagra-se campeã do carnaval picoense.

Segundo dados levantados nessa pesquisa, o pioneiro no carnaval picoense, foi o senhor Neguinho e o senhor Mestre João. Sobre esse fato, o entrevistado Sr. Luís da lang aborda: “Quem fundou o carnaval aqui em picos, foi um rapaz chamado Neguinho, que já faleceu, e com o Mestre João criando o “acadêmico 13 de maio”, que começou com apenas um bloco e alguns instrumentos de percussão”⁴⁸.

Deste primeiro desfile em diante as agremiações foram tomando corpo e se expandindo. Os foliões se interessaram e aquelas baterias cresceram cada vez mais em suas comunidades, chegando a obter em pouco tempo, uma quantidade de integrantes significativo, que juntamente com as contribuições por parte da Prefeitura e dos comerciantes, auxiliaram a consolidação daquele jovem cortejo, que a cada ano expandia.

Os pioneiros das escolinhas de Picos também lembram da primeira organização dos desfiles, que segundo Seu Mestre João, assim como sua escolinha, Acadêmicos 13 de maio, contou com uma limitada participação em sua origem. Em suas palavras:

A Academia do Samba 13 de Maio nasceu pequeno, com poucos componentes e cresceu rápido. Eu me lembro de nós saindo na rua só com a bandeira e um cara sambando, o resto era só bateria, daí foi evoluindo até se torna uma grande atração para o carnaval picoense⁴⁹.

Com o passar dos anos, devido à grande popularidade, a festa em comemoração os Reinado de Momo, passou a ter ares mais oficiais, com palanques montados pela Prefeitura, exclusivos para as autoridades e personagens

⁴⁷ SOUSA, José Júlio. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2014

⁴⁸ Mestre João. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2014

⁴⁹ Mestre João. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2014

representativos da sociedade. Sobre essa análise, a entrevistada Dona Francisca comenta:

Depois que o carnaval tomou gosto para a população de Picos, passou a ser mais bem organizado. Foram construídos palanques em cima de caminhão, ou em estruturas montadas, mais ou menos na Praça Felix Pacheco, para as autoridades e Jurados. Ficávamos todos amontoados na Avenida para olhar o desfile das escolas de samba. O prefeito vinha, falava algumas coisas, então ali tinha o carnaval propriamente dito⁵⁰.

Sobre a organização e construção dos palanques, podemos observar na imagem abaixo, palanque com autoridades picoense da época realizando a entrega para o Sr. Luís da lang o título de campeão do carnaval de 1985.



Imagem 13: Entrega de Título do Carnaval de 1985 a escola lang da Portela.

Foto – Luis da lang

Ainda sobre as premiações para as escolas campeãs, a imagem a seguir mostra o momento em que a presidente da Verde e Amarelo, a Sr.^a Maria da Conceição (Ceixa), recebe das mãos do então prefeito de Picos, José Neri, o prêmio em dinheiro pela conquista do Carnaval picoense de 1989.

⁵⁰SOUSA, Francisca Teresa de. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2015.



Imagem 14: Entrega de Premiação Título do Carnaval de 1989 a Escola Verde e Amarela.
Foto – Ceíça da Verde e Amarelo.

Com base nos depoimentos de pessoas que têm conhecimento ou viveram os antigos carnavais, é possível ter uma ideia de quais atores sociais participavam das festas de rua da cidade. “Os comerciantes da alta sociedade contribuíam com ajuda financeira para custear as fantasias e iam pra rua”⁵¹. Observando essa concepção, percebemos que o carnaval tem a capacidade de demonstrar a hierarquia da sociedade, ou seja, *status* e outros elementos que unificam a identidade cultural de uma comunidade. Essa análise se mostra através do estilo de fantasias que os participantes detentores de mais recursos, escolhem para usar.

Segundo matéria do “Jornal de Picos” publicado em 1º de fevereiro de 1989, dedicava umas de suas páginas para falar sobre a organização do carnaval daquele ano. Segundo a matéria:

Com a aproximação da festa carnavalesca que este ano acontece no período de 04 a 07 de fevereiro próximo, as escolas de samba de Picos já começam a dar os últimos retoques nas fantasias e alegorias e ensaiar o batuque, objetivando apresentar um bonito desfile e conquistar o título na “Passarela”. A pedido dos próprios presidentes das escolas haverá somente um desfile, na terça feira, dia 07 de fevereiro, a partir das 20:00 horas, na Praça Felix Pacheco, onde uma comissão julgadora formada por 15 pessoas irá julgar os

⁵¹SOUSA, Francisca Teresa de. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2015

requisitos pré-estabelecidos pela comissão organizadora do Carnaval/89, que promete ser o mais animado em nossa cidade⁵².

Nesse período, a cidade de Picos contava com a participação de cinco escolas de samba. A mais antiga escola foi o “Cadetes do Samba” fundado com outro nome no ano de 1966 e tinha como presidente o senhor Valdemar Jose da silva. Anos mais tarde, mais precisamente no dia 15 de fevereiro de 1976, é fundado pelo Mestre João, a “Academia do Samba 13 de Maio”, com sede própria no bairro São José. Em seguida, no ano de 1981, é fundado o “lang da Portela”, pelo então presidente Luís da lang com sede na rua Cel. Raimundo Macedo. A próxima escola a ser fundada, foi a Verde Amarelo no ano de 1985, pela presidente Maria da Conceição (Ceixa), com sede na Rua Paraíba no Bairro Paroquial. E por último, a Unidos da Malva, fundada no ano de 1987, e tinha como presidente a senhora Marlene Santos Guimarães.

Sobre o processo de fundação das Escolas, a imagem a seguir mostra parte do Estatuto da Escola de Samba lang da Portela.

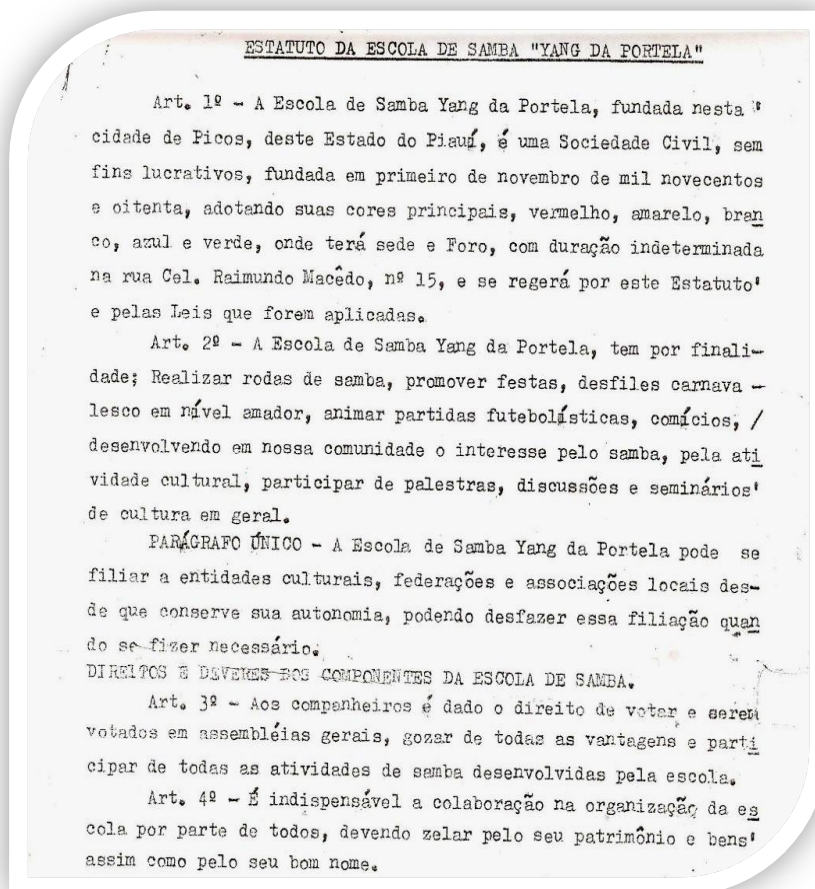


Imagem 15: Estatuto da lang da Portela.
Foto – Luís da lang

⁵² Matéria publicada no Jornal de Picos em 1º de fevereiro de 1989.

Ainda sobre a organização e realização do carnaval, as imagens abaixo mostram como era o intenso dia da realização do evento. Onde diversas pessoas corriam de um lado para o outro utilizando carros ou caminhos lotados de pessoas no intuito de conseguir um melhor local para acompanhar melhor o desfile de Carnaval.



Imagem 16: Avenida Getúlio Vargas.
Carnaval de 1989.
Foto – Ceíça da Verde e Amarelo.



Imagem 17: Avenida Getúlio Vargas.
Carnaval de 1989.
Foto – Ceíça da Verde e Amarelo.



Imagem 18: Avenida Getúlio Vargas.
Carnaval de 1989.
Foto – Ceíça da Verde e Amarelo.

2.3. Enredo e samba-enredo

Para utilizarmos o enredo e o samba-enredo como fontes no trabalho, faz-se necessário uma análise na historicidade a cerca desses dois quesitos que compõem o carnaval de uma escola de samba.

Segundo Monique Augras as escolas de sambas são herdeiras diretas e tomaram, quase que inteiramente, a estrutura dos ranchos de reis nordestino. Assim, o enredo é um quesito que já fazia parte no cotidiano dos desfiles nesses ranchos. O seu aperfeiçoamento se dá por conta do apoio dos intelectuais que punham em relevo uma leitura ufanista e nacionalista do Brasil na primeira metade do século XX⁵³.

Em suas análises, Augras indica muitos surgimentos para o samba-enredo, tendo em vista que a ideia de samba com letras, sobretudo destinadas ao enredo custou muito até ocupar o seu espaço, pelo fato que no período, prevalecia o samba no pé, a empolgação. Somente em 1952, é que o samba-enredo passou a ocupar oficialmente lugar no regulamento, é que as escolas iniciaram a reivindicar a maternidade deste quesito⁵⁴.

Ainda com relação à temática da importância dos samba-enredo, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti propõe como o enredo é concebido pelos fazedores de carnaval, onde estão descritas os detalhes, as estratégias e a abordagem que a escola dará ao enredo⁵⁵. Cavalcanti prossegue demonstrando como o samba-enredo começa a acontecer após a entrega do “roteiro” aos compositores que irão construir a letra e a melodia do samba-enredo com base nas orientações dos carnavalescos. Segundo ela, o modelo que tem sido operado para a construção do samba é a parceria entre compositores.

Cavalcanti indica que o primeiro grito de carnaval, se dá no momento da escolha do samba-enredo de uma escola de samba. Este evento mobiliza toda a comunidade da escola e de pessoas ligadas ao mundo do samba e tem um ritual próprio: inscrição dos compositores com suas composições; uma disposição espacial na quadra de ensaio das torcidas organizadas; a apresentação das composições e o acompanhamento da bateria.

Diante dessa abordagem, pensando sobre o samba-enredo, entende-se como um dos quesitos mais importantes que envolvem o desfile das Escolas de Samba, ou seja, é a linguagem cantada pelos participantes, obtendo uma imensa participação. Ainda mesmo se analisarmos que hoje ele é gravado e divulgado pela

⁵³AUGRAS, Monique. O Brasil do Samba-Enredo, Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas. 1998. pp. 30-35.

⁵⁴Idem.

⁵⁵CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Funart. 1995. pp. 79-125.

mídia que acompanha o carnaval em todos os veículos de comunicação: rádio, jornais, televisão e internet. E o momento mais alto, se consagra nos ensaiados nas quadras das Escolas durante todo o período de preparação do carnaval e posterior a tão sonhada entrada na avenida, elevando a emoção dos foliões ao máximo.

Em Picos, o período de ensaio era de aproximadamente dois meses antes nas ruas de cada bairro, tendo em vista não possuírem estruturas adequadas como quadras para a realização dos ensaios em preparação ao desfile.

A interpretação das letras do samba-enredo toma por empréstimo a análise do discurso são fundamentais no tipo de tratamento que damos às letras do samba-enredo, onde percebemos como os fazedores de carnaval constroem seus discursos, no samba.

Este samba me sugere uma forma de construir história, dentro daquela perspectiva linear, cujo começo está ligado nas origens, contando a história do surgimento da cidade de Picos, do índio brasileiro, como também dando adeus aos anos 80 e reverenciando os anos 90, ao comércio local com a comercialização de gado e mel, homenagens a Lampião, Charles Chaplin, Chacrinha, Roberto Carlos e Luiz Gonzaga, figuras ilustres que marcaram a nossa história, dentre outros.

Sobre origem da cidade de Picos, segue abaixo a letra do samba enredo da escola de Samba Verde e Amarelo no carnaval de 1988, de autoria de Chagas Moura.

A Chuva criou o mar "O MAR" e o mar criou os montes
 Hoje eu não sei depois de tantos horizontes
 Uma estrela esplandece entre os montes
 Nossa cidade a buscar sempre a cultura, visando as escrituras
 E sempre assim serás
 Nossa História nosso lar e o sol anunciou mais um dia desperto
 Foi assim. Foi assim um português desconhecido
 Se instalou em nosso rio "e nos criou" e nos criou
 E nosso samba anunciou.
 Felix Barbosa Leal nosso samba maior nosso carnaval que legal
 Felix Barbosa leal nosso samba maior nosso carnaval
 O português adivinhou sonhando alto ele acertou
 O português adivinhou sonhando alto ele acertou
 Nosso samba nossa festa nosso carnaval
 Alegria mais sensacional
 Com ele tanta euforia, "tanta euforia".
 Uma das sete maravilhas
 Samba meu povo
 Samba, samba sem mistério
 Isso é Brasil, Isso é VERDE E AMARELO
 Vou cantar, vou sambar

Hoje é dia de contagiar

(**As Origens de Picos** – Carnaval de 1988 – Verde e Amarelo. Compositor: Chagas Moura)⁵⁶.

A cidade Picoense é cantada pelos samba-enredos enfatizando suas origens de seu povoamento. Diante disso percebemos que o samba-enredo, remonta o passado como um ponto da referência para o presente, onde “O MAR” criou os montes que cerca a nossa cidade e anos mais tarde, por um sujeito desconhecido, observando o nosso rio, nos criou.

O uso de procurar retratar a origem do passado dá-se no sentido de que o lugar e a cultura presente como um legado dos antepassados, sendo as comunidades carnavalescas legítimas portadoras do lugar conquistado sobre este período.

A memória e as pessoas são sinais e símbolos de uma história de luta dos seus antepassados, que buscaram as margens do Rio Graribas, e dos currais de fazendas, ocuparem e desenvolver as terras do que posterior se consagrasse como cidade modelo. Deste modo, nesse período em que era feitas essas comemorações, as comunidades carnavalescas apresentavam, no presente, como as legítimas portadoras desta identidade e guardiãs desta memória.

Seguindo nesse discurso, existe varias represnetações muito comuns na esfera carnavalesca, ocorrendo praticamente em todos os samba-enredos analisados. Ou seja, existia em média, de três “homenagens” como elemento temático do samba-enredo.

O samba-enredo a seguir, aborda sobre os principais acontecimentos da década de 1980, de autoria de Chamas Moura, compositor da verde e Amarelo do Carnaval de 1990.

Tchau, tchau, tchau, by, by anos oitenta
vou levar comigo liberdade e experiência
tchau, tchau, tchau, by, by anos oitenta
O nosso samba saúda os anos noventa.
Vai ficar
Vai ficar ô ô, em nossa memória dez anos de emoção
As derrotas da nossa seleção
Mas não morreu a nossa esperança

⁵⁶Samba-enredo da Escola da Verde e Amarelo no Carnaval de 1988 com o tema **As Origens de Picos** de autoria de Chagas Moura.

Vibra de novo o coração
 Mais dessa vez eu sei que a taça é nossa
 Com brasileiro, não ha quem possa
 E vamos nós, vamos nós
 Mais dez anos se passaram
 E só recordações e inflações ficaram
 Quem não chorou o fim de sete quedas
 Quem não sentiu a morte do poeta
 Quem não sentiu no coração
 A morte de Luís nosso rei do baião
 Já não se houve Terezinha
 Também se foi o nosso Chacrinha?
 Mais fazer festa no céu aqui é carnaval
 Verde amarelo é alto astral
 Mais fazem festa no céu aqui é Carnaval
 Ninguém segura a folia nacional
 Centenário
 Centenário, cem anos se passou
 E entre os montes a cidade do amor
 Olha o boi
 Olha o boi descendo a ladeira
 Olha o mel
 Olha o mel, mel doce da abelha
 Levante os braços pro céu
 E viva a liberdade, democracia, sociedade
 E nosso samba anunciou
 A cultura de um povo lutador
 Nosso Picos
 Nosso Picos, salve a nossa cidade
 E hoje o sol nasceu, trazendo a liberdade
 Dá pra mim e pra quem tem amor
 Me acompanha caminhando eu vou
 Eu vou

(**Anos 80** – Carnaval de 1990 – Verde e Amarelo. Compositor: Chagas Moura)⁵⁷.

Essa letra retrata bem um período conturbado em que o Brasil passava devido ao processo de redemocratização. O início da música abora dos feitos da seleção brasileira da década de 1980 considerada por muitos como umas das melhoes, mas que não obteve sucesso na conquitas das copas do mundo na década. Outro ponto observado na letra, é que nas décadas de 1980 e 1990 marcou no Brasil um período de crises econômicas marcados por um baixo Produto Interno Bruto e alta inflação. Fazendo com que os preços dos produtos, principalmente os alimentos, aumentassem assustadoramente de um mês para o outro.

⁵⁷Samba-enredo da Escola da Verde e Amarelo no Carnaval de 1990 com o tema **Anos 80** de autoria de Chagas Moura.

Dos sambas analisados, se percebe o índio como sujeito da história a ser homenageado. A seguir, a letra do samba enredo da escola de Samba Iang da Portela no carnaval de 1987, de autoria do compositor Bom Chico.

Lá do alto a Portela denuncia
 A extinção do índio com sua engenharia
 Índio que fez o artesanato suas mãos motorizadas tinha em prática
 todo dia Salve uma visita pastoril
 De D. Henrique e José de Anchieta
Veio domesticar nosso índio
Que foi bem vindo ao Brasil
 A lua ele chamava de Jaci
 O sol de guaraci
 O trovão de deus tupã a sua morado é uma oca
 Vive de caça e plantava sua roça
 Hoje não há mais preconceito
 E foi aceito a sua invenção
Seu artesanato está na praça
Admirou toda população
 Salve o nosso índio da invenção
 Ele é doutor oi, oi, oi, oi,
 Que agora já civilizou

(**Do Índio ao Artesanato** – Carnaval de 1987 – Iang da Portela.
 Compositor: Bom Chico)⁵⁸.

A letra em homenagem ao Índio retrata a luta heroica dos povos indígenas no Brasil. Desde o seu dia a dia, na busca por alimentos, em plantações, na caça de animais, como na confecção dos seus utensílios domésticos e artesanatos. A letra aborda também o momento do encontro dos nativos com os portugueses que chegaram para domesticá-los “civilizá-los” e que no período, não existia qualquer tipo de “discriminação” contra os nativos. Fato que ainda hoje gera discussão em diversos debates acerca da discriminação contra as comunidades indígenas.

O próximo samba analisado retrata sobre os aspectos ambientais da região, de autoria de Chamas Moura, compositor da Verde e Amarelo do Carnaval de 1989.

Desponta encanta e canta
 Passarela da emoção
 De samba no pé
 Pandeiro na mão
 Desponta encanta e canta
 Passarela da emoção

⁵⁸Samba-enredo da Escola de Samba Iang da Portela no Carnaval de 1987 com o tema **Do Índio ao Artesanato** de autoria de Bom Chico.

Com força e fé no coração
NATUREZA
 Natureza que reclama
 Das queimadas tão constante, ardente chama
 Teu machado contra à vida
 Pra satisfazer um ego
 Dando a terra uma ferida
ESSA FUMAÇA
 Essa fumaça que o vento trás
 Me arde os olhos
 E me envelhece mais
 O não...
 E lá em cima a atmosfera
 Já não é forte
 Em proteger a terra
NOSSO RIO
 Nosso rio a sofrer tanta agressão
 Porque não tentar mudar
 Pra limpar o coração
 Chegou a hora de lutar
 O **GUARIBAS** vai continuar
 O teu esforço vai valer
 Nosso rio já vai renascer
E CARNAVAL
E carnaval, Tanta folia,
VERDE AMARELO despertando alegria
E CARNAVAL
E carnaval, Tanta folia,
VERDE AMARELO despertando ECOLOGIA
RAIOU
 Raiou o sol Despertou o dia
 Tanto calor
 Tanta energia
RAIOU
 No coração ainda há esperança
 De ver a flora **VERDE AMARELO** encanta
CANTA O POVO
 Canta,
 Canta forte pra esse mundo ouvir
 Povo forte somos nós
 Quando ecoa a nossa voz
 Temos mil pra resistir.

(Ecologia – Carnaval de 1989 – Verde e Amarelo. Compositor: Chagas Moura)⁵⁹.

Essa letra mostra os problemas enfrentados pelos sertanejos da região entorno de Picos. Dos problemas ambientais, com queimadas, desmatamento através da derrubada de arvores, degradação do Rio Guarias ao longo da história da

⁵⁹Samba-enredo da Escola de Samba Iang da Portela no Carnaval de 1987 com o tema **Do Índio ao Artesanato** de autoria de Bom Chico.

cidade deixando o ambiente mais seco, devido a baixa quantidade de chuvas na região. Nessa relação espaço-temporal do cotidiano, de uma vida difícil e muitas vezes, quase impossível de sobreviver. E para fugir da miséria, migrantes dessas regiões partem em busca de melhores condições de vida nas grandes metrópoles brasileiras.

Esse samba-enredo, dos dez jurados que acompanha a mesa, obteve nota máxima (Dez) de seis jurados. As imagens abaixo mostram as fichas de dois jurados, a Sr^a Maria das Dores Rufino Costa e a Sr^a Maria Eunice Teixeira.

ESCRITURARIA MUNICIPAL DE FICHA
COMISSÃO ORGANIZADORA DO CARNAVAL DE 1989

FICHA DE AVALIAÇÃO INDIVIDUAL

ESCOLA DE SAMBA *Verde Amarelo*

QUESTOS	LIMITES	NORAS
1ª Bateria	1 a 10 notas	10
2ª Samba Enredo	"	10
3ª Harmonia	"	8,0
4ª Evoluções	"	8,0
5ª Porta-Bandeira e Mestre Sala	"	7,0
6ª Fantasia	"	9,0
7ª Alegoria	"	8,0
8ª Tempo de Apresentação Não limite máximo 40 minutos	5 pontos	5,0
9ª Soma dos Pontos (questos)	TOTAL	65,0

Maria das Dores Rufino Costa
Assinatura do Jurado

Imagem 19: Ficha de Avaliação Individual. Carnaval de 1989.
Foto – Ceiça da Verde e Amarelo.

ESCRITURARIA MUNICIPAL DE FICHA
COMISSÃO ORGANIZADORA DO CARNAVAL DE 1989

FICHA DE AVALIAÇÃO INDIVIDUAL

ESCOLA DE SAMBA *Verde Amarelo*

QUESTOS	LIMITES	NORAS
1ª Bateria	1 a 10 notas	10
2ª Samba Enredo	"	10
3ª Harmonia	"	8,0
4ª Evoluções	"	8,0
5ª Porta-Bandeira e Mestre Sala	"	10
6ª Fantasia	"	10
7ª Alegoria	"	10
8ª Tempo de Apresentação Não limite máximo 40 minutos	5 pontos	05
9ª Soma dos Pontos (questos)	TOTAL	71

Maria Eunice S. Teixeira
Assinatura do Jurado

Imagem 20: Ficha de Avaliação Individual. Carnaval de 1989.
Foto – Ceiça da Verde e Amarelo.

Os demais sambas homenageiam figuras ilustre que marcaram a história do nosso país. Principalmente na década de 1980. A seguir, samba-enredo em homenagem a Roberto Carlos e Charles Chaplin:

Uma estrela brilhou
Vem o mundo moderno
E o povo investiu pela avenida
Canta Brasil
Ninguém mais competiu
A sua voz autuou em rimas
Naquele instante ele cantou
**Ele é o rei é coroado Roberto
Carlos ele é o rei**
Pois um novo esquema
Que foi um tema

Pra você para um destaque
 Charles Chaplin também venceu
 No mundo real um pedestal
 Canta um rei salve o rei
 Roberto
 É coroadado na passarela
 Salve a lang da Portela
Ele é o rei é coroadado
Roberto Carlos ele é o rei

(**Roberto Carlos e Charles Chaplin** – Carnaval de 1988 – lang da Portela. Compositor: Bom Chico com participação de Sales)⁶⁰.

A imagem a seguir, mostra uma ala representada por crianças em homenagem a Charles Chaplin.



Imagem 21: Ala em homenagem a Charles Chaplin.
 Carnaval de 1988.
 Foto – Luis da lang

Continuando as homenagens, observe abaixo o samba enredo em homenagem a Chacrinha.

Velho Guerreiro Nascido em Surubim do Pernambuco Conquistou
 Todo Brasil de Palhaço, Pierrote Arlequim Chacrinha Foi
 Foi Nota Mil
 Abelardo Chacrinha Barbosa, com muita prosa trazemos a
 passarela aquele abraço da lang da Portela
 Alô alô Terezinha rememoramos o casino do Chacrinha tem cantos
 revelação, chacrete tem calouro tem ate disco de ouro
 lang hoje traz recordação chacriando a multidão

⁶⁰Samba-enredo da Escola de Samba lang da Portela no Carnaval de 1988 com o tema **Roberto Carlos e Charles Chaplin** de autoria de Bom Chico com participação de Sales.

Comunica, comunica, comunicador não teve anel mais foi
(AINDA SOMOS IANG DA PORTELA)

(**O velho guerreiro** – Carnaval de 1987 – lang da Portela.
Compositor: Bom Chico)⁶¹.

E por fim, homenagem ao “Rei” do Nordeste, Lampião, observe abaixo o samba enredo da lang da Portela no carnaval de 1985 em homenagem a Virgulino Ferreira da Silva.

Ô ô ô ô ou não
O Rei do Nordeste é Lampião
No limiar do século; em 1.900
No Vale do Pajeú nascia Lampião
Cadente uma estrela naquele momento
Riscou os cens, fez-se a luz na amplidão.
Masa injustiça faz o homem em fera
Lampião com seu bando e valentia
ô ô ô Sertão
O Rei do Nordeste é Lampião
Foi aquele Nordestino que seria
Rei majestade que impera
Ou herói de fancaria
Ô ô ô ô ou não
O Rei do Nordeste é Lampião
Tirou do rico e deu ao pobre sim senhor
Amou demais cada cabrocha do Sertão
Maria Bonita encontrou
Mulher rendeira dona do seu coração
Mas a injustiça faz do homem fera
Lampião com seu Bando e valentia
Ô ô ô Sertão
O Rei do Nordeste é Lampião
Foi aquele Nordestino que seria
Rei majestade que impera
Ou herói de fancaria
O Rei do Nordeste é Lampião
o ô ô ô ou não

(**Homenagem a Lampião** – Carnaval de 1985 – lang da Portela.
Compositor: Dona Olívia)⁶².

A imagem a seguir, mostra dois integrantes da Escola de Samba lang da Portela em frete a um carro alegórico que homenageava Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião, o “rei do Sertão” que utilizando as tradicionais vestimentas e empunhando sua espingarda, roubava comerciantes e fazendeiros,

⁶¹Samba-enredo da Escola de Samba lang da Portela no Carnaval de 1987 com o tema **O velho guerreiro** de autoria de Bom Chico.

⁶²Samba-enredo da Escola de Samba lang da Portela no Carnaval de 1985 com o tema: **Homenagem a Lampião** de autoria da Dona Olívia

sempre distribuindo parte do dinheiro com os mais pobres, como é observando na letra do samba enredo.



Imagem 22: Carro alegórico em homenagem a Lampião.
Carnaval de 1985.
Foto – Luis da lang.

2.4 O fim das escolas de samba picoense

Considero esse tópico de grande valor, pois trataremos aqui das causas do declínio e da falência das apresentações carnavalesca das escolas de samba em Picos no ano de 1995. Apresentações que marcou historicamente a sociedade picoense durante o tempo em que esteve presente no cronograma do carnaval picoense, umas das festas mais esperadas por todos. Sem mais diálogos, começemos a falar sobre as dificuldades encontradas ao longo desses anos de existência.

Várias são as especulações sobre o que teria motivado o fechamento das apresentações carnavalesca do carnaval picoense. Contudo, refletindo em um conjunto de fatores, que unidos tornaram-se um fardo muito pesado que, por não conseguirem sustentá-lo os presidentes das agremiações diante de todas as dificuldades, perceberam que não seria mais possível organizar a tão sonhada festividade.

Com base no jornal de Picos, em matéria publicada em 21 de fevereiro de 1991, mostra a falta de motivação marca o carnaval picoense daquele ano. Segundo a matéria,

Em decorrência principalmente na crise que o país atravessa no momento, o carnaval deste ano será lembrado pelos picoense como um dos mais sem motivação de toda a sua história. Muitos são os motivos apontados para isso e o principal é que praticamente, não houve carnaval de rua e os foliões tiveram que se contentar apenas com os bailes e matinais nos clubes. Os das classes menos privilegiadas brincavam no chamado clube do povo⁶³.

As faltas de investimentos culturais, organização juntamente com a desmotivação dos representantes, ocasionaram o fim das apresentações dos desfiles das escolas de samba em comemoração ao Reinado de Momo na cidade de Picos.

O carnaval de rua desse ano em Picos pode ser avaliado com um verdadeiro fracasso. Pois o que se viu no chamado “clube do Povo” não pode ser considerado como uma festa carnavalesca. [...] Quanto aos desfiles das escolas de samba foi até certo ponto frustrante, principalmente pela ausência das escolas Verde/Amarelo e Unidos da Malva, e pela falta de uma comissão julgadora para determinar os vencedores⁶⁴.

Diante dessas circunstâncias, podemos perceber nesse período, o declínio dos desfiles de escola de samba, tendo em vista a falta de apoio por parte da secretaria de cultura para uma melhor organização do evento.

Tal como foi discutido anteriormente, vários foram os fatores que contribuíram para o declínio dos desfiles em picos. No entendimento do senhor Luiz da lang, presidente da lang da Portela, fala,

O desfile de escolas de sambas da cidade de Picos acabou em 1994 por conta do prefeito da época não patrocinou o evento, e os prefeitos futuros não continuaram. Desmotivando e acabando com a tradição do carnaval de picos⁶⁵

Ainda sobre o repasse da Prefeitura municipal, em entrevista, a Senhora Maria da Conceição, (Ceixa), fala, “infelizmente o carnaval acabou devido à falta de

⁶³ Jornal de Picos. Matéria publica em 21 de fevereiro de 1991. Ed. 247

⁶⁴ Jornal de Picos. Matéria publica em 21 de fevereiro de 1991. Ed. 247

⁶⁵ LUIZ, da lang. Depoimento concedido à James Júlio de Sousa, Picos, 2015

apoio por parte da prefeitura que não fazia mais os repasses”. Com base nas pesquisas, pode-se observar que no período que se encerraram as apresentações, os presidentes das escolas, ficavam sabendo do não repasse, dias antes do evento. Diante dessa problemática, fica evidente a enorme dificuldade enfrenta pelas essas agremiações, pelo fato delas, estarem com débito com os fornecedores, profissionais que trabalham quase o ano todo no intuito de organizar uma bela apresentação, pondo fim na busca por mais uma consagração, que seria o título do carnaval 1995.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para trabalhar essa temática neste recorte temporal foi essencial a pesquisa e estudos para compreender as manifestações pré-carnavalescas que anunciaram os Reinados do Momo, durante todo século XX.

Refletindo sobre o carnaval das escolas de samba e percebendo a escassez de estudos sobre o tema nessa cidade, aponto para as diversas possibilidades que o trabalho com fontes carnavalescas propiciam, em termos culturais, econômicos, políticos e sociais para futuras análise nos diversos campos do conhecimento.

Diante disso, obtive vantagens em trabalhar com essa temática utilizando a metodologia de depoimentos orais. Os fatos trazidos pela recordação dos entrevistados que na maioria, são sujeitos ligados diretamente a mim, que presenciaram todo esse momento história na cultura picoense. Neste ponto, foi muito interessante poder compartilhar das memórias de familiares e amigos para a elaboração de um trabalho acadêmico, possibilidade essa desenvolvida através de um método de análise de reflexão e interpretação.

As fontes retrataram de maneira diversa a organização do carnaval picoense. Dentre as principais, resalto o modelo apresentado pelas memórias de pessoas que conviveram esse momento, que diante de muita luta, atingiu um alto grau de popularidade, em que os limites de cor e segmentos sociais deixaram de existir.

A questão mais envolvente no trabalho foi perceber como os carnavalescos ao longo dos anos, buscaram seu espaço diante de muitas dificuldades e luta. Outra questão que busquei observar, e procurar perceber como se desenvolveram os enredos das escolas e como sua forma de construção se aproxima do trabalho do historiador. Com os entrevistados, pode colher informações de grande relevância junto aos mais velhos, que facilitou a conclusão desse trabalho.

A pesquisa, a cada leitura que pode fazer dos sambas e das entrevistas, me respondia que no fazer dos fazedores de carnaval se tem uma resposta para os que dizem não existir história do carnaval picoense. Percebi que a pouca produção escrita sobre essa temática na cidade, não quer necessariamente dizer inexistência de história das comemorações de Momo na cidade.

Outra questão observada parte de uma reflexão mais coletiva, ou seja, a opção dos fazedores de carnaval por uma memória formada na saudade de seus antepassados. Saudade que evoca um passado, passado este onde estão os fundamentos da identidade desta categoria social e com as quais ela negocia no presente.

Se a percepção de uma memória discursiva é clara nos sambas-enredos, a elaboração de uma identidade é o ponto mais repetido pelos fazedores de carnaval. A construção de uma identidade do povo picoense é um dado surpreendente, e que acho necessário ainda uma reflexão mais profunda sobre o que estou a dizer e neste sentido coloco este trabalho como uma reflexão cujos resultados são parciais e como tais precisam se compartilhados, não apenas com a Academia, mas, sobretudo com os Fazedores de Carnaval.

FONTES REFERÊNCIAIS

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. Picos nas anotações de Ozildo Albano. Picos, 2011

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de, A Invenção do Nordeste e outras artes. Recife/São Paulo. Massangana/Cortez. 1999

ALVES, Marli Costa. História e memória da Indústria Coelho S/A: Trabalho e cotidiano dos operários de Picos (1970 – 1999). Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos. 2012.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

AUGRAS, Monique. *O Brasil do Samba-Enredo, Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas. 1998. pp. 30-35.*

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de Brasília, 1987. Pág. 4.

BORGES, Lairton Bezerra. BARROS. *Sob o signo da ilusão: as várias formas de representação do cine SPARK de Picos de 1964 a 1988. p.36. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2013*

BRITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. In: Revista da Faculdade de Letras: História, Porto (Portugal), III Série, vol.6, 2005, p. 313 - 338

CAVALCANTI Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Funart. 1995. pp. 79-125*

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 – arte de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. O bairro / os fantasmas das cidades. / Espaços privados. In: **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.p.37-45.

_____. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2, morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

CHARTIER, Roger. História cultural: entre as práticas e representações. Lisboa, Difel, 1990. pág 27

CUNHA, Érika Jorge Rodrigues da Cunha. **A natureza do Espaço Urbano**: formação e transformação de territórios na cidade contemporânea. [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2008.

DA MATTA, Roberto. Carnavais malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro. 3 edições. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. pág 30

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva e memória histórica**. In _____. A memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, Rememoração e Lembrança em Maurice Halbwachs**, 2012

MAUAD, Ana Maria. História, iconografia e memória. In: Simson, Olga Rodrigues de Moraes Von (org.) **Os desafios contemporâneos da História Oral – 1996**. Campinas: Centro de Memória – UNICAMP, 1997.

POLLACK, Michel. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212.

QUEIROZ, Jonas Marçal. “História, mito e memória: o cunani e outras repúblicas”. In: Nas Terras de Cabo Norte. Fronteiras Colonização e escravidão na Guiana Brasileira – Século XVIII e XIX. Flávio dos Santos Gomes (Org.) Belém: UFPa. 1999.

SOUSA, Ályson Leal de. História do Bairro Ipueiras na cidade de Picos (1820- 1970). Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203)

Páginas da internet

Árvore Genealógica da Família Luz. Disponível em:
<http://www.familialuz.com.br/picospi.php>. Acesso em 04 de agosto de 2014.

Matérias de Jornais

Jornal de Picos. Matéria publica em 21 de fevereiro de 1991. Ed. 247

Fontes:

CONCEIÇÃO, Maria da. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2014.

LUIS da lang. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2014.

MESTRE João. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2014.

SOUSA, Francisca Teresa de. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2015.

SOUSA, Francisco Júlio. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2014.

SOUSA, Helena Rodrigues de. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2015.

SOUSA, José Júlio. Depoimento concedido a James Júlio de Sousa. Picos, 2014.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (X) Monografia
- () Artigo

Eu, **James Júlio de Sousa**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **REINAÇÕES DE MOMO NO SERTÃO DO PIAUÍ**: história e memória do carnaval em Picos nas décadas de 1980 e 1990 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 08 de março de 2016.


Assinatura


Assinatura